

## VIOÊNCIA NAS ESCOLAS

Professora reitera à polícia que só apartou briga entre alunos. Mãe do garoto que teria sido agredido mantém versão. Crianças serão ouvidas

# Histórias contraditórias

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

**D**epoimentos contraditórios e, até agora, pouco esclarecedores. Após ouvir oito pessoas, a polícia decidiu pedir ajuda à equipe de psicólogos da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) para extrair dos meninos o que realmente ocorreu na manhã da última terça-feira, na Escola Classe 56, no Setor O de Ceilândia. Pelo menos três alunos, entre eles o garotinho que, segundo a mãe, teria sido segurado pela professora Elizabeth Barros para que os coleguinhas batessem em seu rosto, devem passar pela avaliação.

De acordo com o delegado-chefe da 24ª Delegacia de Polícia (Setor O), Vivaldo Neres, das oito pessoas ouvidas até agora, apenas a mãe do menino — suposta vítima de agressão —, a servidora Rejane Vieira Urani, 36 anos, e a filha dela, uma adolescente de 17, acusaram a professora de ter segurado o garoto com os braços para trás e incitado os coleguinhas a baterem nele como forma de punição. O motivo da medida seria porque ele tinha agredido outros alunos.

Já foram ouvidos uma mãe e dois pais de alunos, a diretora e a supervisora pedagógica da escola, além de Elizabeth, da mãe e a irmã da suposta vítima de agressão. Na tarde de ontem, a professora prestou depoimento por duas horas e meia. Ela saiu pela porta dos fundos da delegacia sem falar com a imprensa. A polícia, ela reafirmou o que disse ao *Correio* na quinta-feira: que segurou o menino com os braços para trás para apartar a briga. Nesse momento, ele teria se debatido com as pernas e acabou acertando coleguinhas, que revidaram as agressões.

“Ele brigava com as meninas e logo outros alunos entraram na briga. Ele estava de costas para a porta. Era o que estava mais perto de mim, o mais alto e forte da turma. Eu segurei os dois braços dele para trás e o puxei para tirá-lo da confusão”, detalhou Elizabeth Barros, em entrevista ao *Correio*.

A mãe e a irmã do garotinho chegaram para depor às 17h. Só deixaram a delegacia três horas depois. Elas afirmaram ter ouvido da professora a confissão de que teria segurado o menino para que um coleguinha agredido

Evandro Matheus/Esp. CB/D.A Press



A DELEGADA ADJUNTA TÂNIA DIAS TAMBÉM NÃO DESCARTA A HIPÓTESE DE AS CRIANÇAS TEREM FANTASIADO

## FRASES

**“CRIANÇAS COM ESSA IDADE NÃO COSTUMAM CONTAR AOS PAIS O QUE É CORRIQUEIRO. RESTA A NÓS APURAR O QUE REALMENTE HOVE”**

*Delegado Vivaldo Neres, 24ª DP*

**“ELE ERA O QUE ESTAVA MAIS PERTO DE MIM NA BRIGA. EU SEGUREI OS BRAÇOS DELE PARA TRÁS E O PUXEI PARA TIRÁ-LO DA CONFUSÃO”**

*Elizabeth Barros, professora*

**“ELE DISSE PARA MIM QUE A PROFESSORA O CHAMOU, O SEGUROU COM AS DUAS MÃOS PARA TRÁS E MANDOU QUE OS MENINOS BATESSEM NELE”**

*Rejane Urani, mãe do menino*

descontasse com um tapa no braço. A conversa teria ocorrido na manhã de quarta, na presença da diretora e da supervisora. Ela disse que confirmaria aos policiais o que ouviu do filho. “Ele contou que brigou com os colegas e pediu desculpas, mas eles não aceitaram. Aí a professora o chamou, o segurou com as duas mãos para trás e mandou que os meninos batessem.”

### Cautela

A delegada adjunta Tânia Maria Dias assegurou que nem a diretora e nem a supervisora mencionaram tal diálogo quando estiveram na delegacia. “Dois dos três pais ouvidos disseram ter ouvido dos filhos uma história parecida com

a contada pela direção da escola e pela professora: que o aluno batia nos coleguinhas e que a professora o segurou para que ele parasse”, esclareceu Tânia Dias. “A gente trabalha com a versão da mãe e da professora. Mas não está descartada a possibilidade de as crianças terem fantasiado”, acrescentou.

O último depoimento do dia foi o do pedreiro Welinton Jesus Ferreira, 32. Foi por meio dele que a servidora soube da suposta agressão. À polícia, ele disse que o filho apontou para a criança e disse que a professora tinha segurado ele com os braços para trás e os meninos bateram nele. Ao falar com os jornalistas, Welinton não confirmou que o filho tenha afirmado

que a professora mandou os amiguinhos baterem. Mas, assim como Rejane, ele sustenta ter ouvido a confissão da professora durante reunião com a diretora.

Para o delegado Vivaldo Neres, o caso deve ser avaliado com cautela. Para ele, não há dúvida de que ocorreu algo fora da rotina. “Crianças com essa idade não costumam contar aos pais o que é corriqueiro. Resta a nós apurar o que realmente houve”, disse.

**correio braziliense.com.br**



**Ouçá na internet:**  
entrevista com Tânia Maria Dias,  
delegada adjunta da 24ª DP